

CONTINNUM TIPOLOGICO: UM ESTUDO DA ORALIDADE E DA ESCRITA

Neilton Faria Lins

RESUMO: Este trabalho pretende fazer uma análise do contínuo tipológico na produção da oralidade e da escrita, levando em conta as postulações teóricas já apresentadas por teóricos tais como Marcuschi (2000 e 2002) Tannem (1982) dentre outros.

Palavras Chaves: a fala, a escrita, texto, gêneros discursivos.

ABSTRACT: This work intends to do an analysis of the continuous tipológico in the production of the oralidade and of the writing, taking into account the theoretical postulações already presented for theoretical such like Marcuschi (2000 and 2002) Tannem (1982) among others.

Key words: speech, writing, text, discursive genders.

INTRODUÇÃO

Entendemos que as línguas falada e a língua escrita são dois aspectos intimamente ligados ao homem e que entre a essas duas modalidades, há mais afinidade do que alteração. Essas formas de linguagens de discursos têm especificidades características, é um fato que não se pode denegar, mas é da mesma forma evidente entre elas muito em comum.

Boa parte dos estudos que se refere à oralidade oral e a escrita foi feita com base em textos de conversacionais (da fala) em e checagem com textos em prosaico (da escrita). Não resta dúvida alguma que um determinado texto do colóquio espontâneo, como por exemplo: Uma conversa entre amigos apresenta peculiaridades da língua falada. A mesma pode certamente representar a linguagem oral, da mesma forma um texto em prosaico, como um artigo acadêmico, apresenta características da escrita e representa, pode ser um exemplo de linguagem escrita.

O Contínuo Tipológico: Um estudo da Oralidade e Escrita

As linguagens falada e escrita não ocupam os limites de uma linha reta; não são dicotômicas. Assim, carecem de ser estudadas como dois estágios discursivos em que as disparidades e afinidade se dão ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades se situam; de um lado, o grau máximo de naturalidade e, de outro, o grau máximo de formalidade.

Tannen (1982), ao fazer uma abreviação dos estudos já discutidos sobre as alterações entre as estratégias das modalidades, quer seja oral ou escrita, chegou a dois pontos de vista que os consideram fundamentais que se refere a esse estudo, que são: a) a linguagem oral depende quase que exclusivamente do contexto, enquanto a linguagem escrita é descontextualizada, b) recursos paralingüísticos e não verbais (gesto, entonação, conhecimento partilhado e etc.), estabelecendo a coesão na oral, ao contrário do que ocorre na linguagem escrita, em que a coesão se dá através de elementos lexicais (conjunção, locuções conjuntivas, dêiticos, etc.) e de estruturas sintáticas complexas.

A referida autora admite que haja tais peculiaridades dessas modalidades, entretanto, assegura que as estratégias da língua oral podem ser encontradas num texto escrito, da mesma forma podem ser encontradas estratégias da escrita num texto oral. Na opinião dessa teórica, as diferenças formais se dão em função do gênero e do registro lingüístico, e não em função da modalidade.

Outros teóricos nos deixaram dados com suas comparações entre a oralidade e escrita para um estudo mais contundente do contínuo em que se situam os diversos tipos de gêneros textuais. Chafe (1982), *o faz, levando em consideração um envolvimento maior ou menor dos interlocutores*; Halliday (1987 e 1989), *discutindo a complexidade estrutural das modalidades*; Britton (1975), *demonstrando que as diferenças dos gêneros se fundam nas suas condições de produção*; Biber (1988), *descrevendo as dimensões significativas de variação lingüísticas, a relação entre os gêneros e o contínuo tipológico nos usos da língua*.

Koch (1997,p.32), observa que:

existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos da fala conversacional (bilhete, carta familiar, textos de humor), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos dentre outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Marcuschi (1995) também já se preocupava em estudar as formas textuais num contínuo tipológico, apesar de a sua apreensão fundamental tenha sido com o contexto e explicitude na relação entre a fala e a escrita, sobretudo para corroborar a contradição da dicotomia contextualização x descontextualização.

Nesse trabalho de Marcuschi, surge possivelmente, pela primeira vez, o termo “continuum” tipológico que foi aludido por Biber (1988), para quem, na checagem entre a fala e a escrita devem ser levado em conta seis caráter significativos de mutação da linguagem e a relação entre os gêneros respectivos a cada um deles e o contínuo tipológico nos usos lingüísticos, evitando comparações dicotômicas, fundamentadas exclusivamente em textos característicos de cada modalidade. Logo, não é conveniente imaginar que quaisquer distinções lingüística ou situacional da oralidade ou da escrita se efetiva em todos os gêneros discursivos orais ou escritos.

No contínuo tipológico, há gêneros textuais pertencentes à esfera oral e a esfera escrita muito similares, como por exemplo: conferência, artigo acadêmico, carta familiar, dentre outros, em meio a esses há outros mais distintos, como por exemplo: bate-papo, msn, orkut, seminário, bilhete. Isso ocorre porque não há homogeneidade na relação oralidade/escrita.

Para Pawley & Syder (1983), *as diferenças entre coloquialismo e gramática literária podem ser mais bem compreendidas quando a análise se faz, considerando as situações de uso das modalidades oral e escrita*. Tais situações de uso, no entender desses teóricos, dispõem-se num contínuo, em cujo limite se colocam o uso *convencional* ou *coloquial* e o uso *autônomo* ou *formal*.

Há de se considerar, além disso, que não se pode determinar a língua escrita como um mero amontoado de atributos formais, inacessível ao alcance da língua oral, de cujas propriedades se distingue completamente. Tais modalidades não são estanques; as mesmas escolhem seus itens de um também princípio de possibilidades da linguagem – a língua, que lhes convêm como fonte de nutrição das produções dos seus usuários da língua falada e dos usuários da língua escritores.

Para Kato (1987, p.34), o que gera as disparidades entre tais modalidades são as desiguais condições em que é produzido o discurso, o que pode refletir um maior ou menor

condicionamento do contexto, um maior ou menor grau de idealização e uma maior ou menor dependência às preceitos gramaticais.

A dependência contextual determina o grau de explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade, que pode ir do menos tenso(casual ou informal) até o mais tenso(formal gramaticalizado).

Marcuschi (2001, p.37) retoma a hipótese do “continuum” tipológico que Bilber (1988), levantou, e possivelmente ao levar em consideração os escritos de Kato (1987,p.34), o mesmo delineia com maior peculiaridade o que pode ser tido como contínuo tipológico. Esse autor observa que a idéia que se tem da língua escrita é a de um fenômeno, bastante estável e com o mínimo possível de modificação. Vejamos o que diz Marcuschi (2001, p.37)

As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.

Razão pela qual esse teórico vem afirmar sua inquietação é com os encadeamentos em diversos planos, planos de onde passa a existir um contíguo de variações, e não apenas uma pueril variação unidimensional.

Sem sombra de dúvidas, a conceito de contínuo tipológico fundamenta o ponto de vista de que *há mais semelhanças entre as modalidades discursivas da língua do que diferenças entre elas*, Marcuschi (2001). O conceito de contínuo ao mesmo tempo torna o argumento da dicotomia entre as modalidades discursivas contraditório, porque, a partir desse conceito, é crível corroborar que as línguas e escritas constituem um mesmo princípio lingüístico e que, sobretudo por esses pretextos, não são estanques, a despeito de seus processos e meios de produção distintos.

Conforme Marcuschi (2001), *ainda pode-se ter a idéia das relações mistas dos gêneros a partir do meio e da concepção das modalidades*. Para Bakhtin (1997), *quando o indivíduo utiliza a língua, sempre o faz por meio de um tipo de texto ainda que possa não ter consciência disso*; em outras palavras, ao selecionar um tipo de gênero textual ele está dando o primeiro passo a ser seguido na construção do elo comunicativo.

É exatamente por essa razão que nesse ponto de vista de *continnun*, os tipos textuais podem ser uma *ferramenta* que está à disposição do usuário da língua falada, ao ser por ele escolhidos da forma que lhe agrada melhor, afim de que, no ato comunicativo, possa lhe dar auxílio na sua expressão lingüística.

ORALIDADE E ESCRITA

A pesquisa da oralidade é uma inquietação que se tornou mais proeminente no âmbito da Lingüística, a partir do momento em que os teóricos da linguagem perceberam que a fala poderia ser um objeto de pesquisa. O que veio de certa forma expandir, assim, a visão dos estruturalistas, lingüistas para quem *a língua como atividade ou modelo estrutural de gramática*, Castilho (1998, p.24) assim, buscavam o que nela era homogêneo e, assim, os gerativistas analisavam-na de forma contemplativa, sem levar em conta qualquer que fosse o contexto em que a fala estava inserida.

Dessa forma, os estudiosos que escolheram a fala como objeto de estudo começaram a levar em consideração língua como uma atividade, uma forma de ação e fatores, como, por exemplo: quem falou, em que condição falou e para quem falou, antes ignorados, que passaram a ter uma importância especial.

Koch (2001, p.412) diz que:...é nesse momento que se criam condições propícias para o advento de uma lingüística do texto/discurso, isto é, uma lingüística que se detém das manifestações lingüísticas produzidas pelos usuário da língua falada, ou seja, de uma língua em conjunturas concretas, sob determinadas condições de produção.”

Com relação às distintas formas de ver os fatos lingüísticos, Castilho (2000, p.11) citar, de maneira mais específica, que: *a linguagem é um objeto escondido, que para ser elaborado parte-se de um ponto de vista de postulações prévias que constituirão a linguagem como um objeto cientificamente analisável*. Conforme esse teórico, há três grandes postulações teóricas para interpretação da linguagem humana: a língua *como atividade mental*, a língua *como uma estrutura* e a língua *como atividade social*.

...a língua é uma capacidade inata do homem, que lhe permite reconhecer as sentenças, atribuindo-lhes uma representação fonológica...a teoria da língua como estrutura postula que as

diferentes línguas naturais dispõem de um sistema composto por signos, distintos entre si por contrastes, organizados em níveis fonológico e gramatical...a língua como uma atividade social, por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro.

Com fundamentação nessa última postulação a língua vista como um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, encontrados num ambiente característico, interagindo a propósito de um tópico de conversação previamente negociado. Uma gramática que assim entende a língua, como é o caso da gramática funcional, defendida por Halliday (1973:37) a qual procura os pontos de chaves entre as estruturas identificadas pelo modelo anterior e aos contextos sociais em que elas emergem, ao contextualizar a língua no âmbito social.

Essas teorias vêem a língua como um fenômeno homogêneo, como algo que deve ser testado minuciosamente independente de suas condições de produção, ou seja, elas se ocupam de enunciados. A terceira teoria vê a língua como um fenômeno heterogêneo.

Na lingüística, há oscilação entre esses dois pólos em algum momento. Enfatiza-se a língua como um enunciado, valorizando as gramáticas formais estruturais gerativas; em outros instantes, destaca as gramáticas funcionais.

Tais considerações sobre os fatos lingüísticos tiveram como prenunciador e elo de inspiração, entre tantos, Bakhtin (1992, p.125) que declarou:

...a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua...

Esse mesmo autor ainda diz que *a enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório.*

A linguagem humana é essencialmente dialógica, mesmo em sua forma escrita. Uma das inconfundíveis razões disso é que, na língua escrita, é imprescindível mencionar as

coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na fala, tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala. Castilho (2000).

A língua falada e a língua escrita apresentam díspares funções. Enquanto para a fala é mais comum a função de trazer a informação, ainda assim, possui de marcas que demonstram certas familiaridades, além de valer-se de expressões mais coloquiais. Para a escrita, exige-se uma certa independência em sua estrutura e possui marcas mais formais, tanto que a desenvoltura para escrever depende muito da aquisição de domínios de determinadas habilidades lingüísticas.

Logo, para o desenvolvimento da escrita, é necessário antes de tudo um tema, algo a fim de se possa escrever e o material deve ser organizado com um certo cuidado, o que deve ser formado um todo coerente, uniformizado, com variações de tópicos justificados e explícitos. A estrutura gramatical da língua escrita faz com a mesma se apresente de forma mais explícita por si só.

Essa visão de dicotomia entre oralidade verso escrita, em que a primeira é tida com superior a segunda, esteve presente nos estudos lingüísticos por muito tempo, veio tomar novos horizontes ou ser questionada a partir dos anos 80, quando alguns teóricos viram essas modalidades como práticas sociais diferentes. Sobre isso nos diz Marcuschi (2000, p.17):

...hoje predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário.

Tal teórico nos diz também, *que numa sociedade como a nossa, a escrita, compreende um dos recursos tecnológicos mais eficazes.*

Assim, esse autor, levanta a hipótese de que o fato de ter se tornado tão importante, a língua escrita, aproveitou-se de um “*status* mais alto”. Embora, conforme o mesmo, sobre o ponto de vista central da realidade humana, *o homem pode ser definido como um ser que fala e não como um ser que escreve.* Mesmo assim, isso não torna a fala superior à escrita e tampouco se admite a convicção de que a fala é primária.

A escrita e a oralidade fundam práticas e usos da língua, que, por sua vez, possuem peculiaridades próprias. Essas peculiaridades, entretanto, não as tornam dicotômicas, pois as duas possibilitam construções de textos coesos e coerentes e elaboração de entendimento contemplativo e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Foi a visão dicotômica da língua falada e da língua escrita, já mencionada, a princípio, que deu origem as heterogeneidades entre essas modalidades, em meio a as quais as com relação à fala: *contextualizada, implícita, redundante, não planejada*, predominância do “modus pragmático”, *fragmentada, incompleta* etc, Marcuschi (2003, 27). Por outro lado, a escrita é *considerada descontextualizada, explícita, condensada, planejada*, predominância do “modus sintático” etc., a esse respeito Koch (1997), salienta que *nem todas estas características são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades e que tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita*.

Essa maneira de idealizar fala e escrita levou a uma visão preconceituosa de que a fala é desordenada, sem planejamento e rudimentar. Marcuschi (2000. p,28-33) explicita que além da visão dicotômica entre fala e escrita, há, também, a culturalista. Tal teórico afirma observa que:

muito mais a natureza das práticas da oralidade versus escrita e faz análises sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção do conhecimento (...) este tipo de visão é pouco adequada para a observação dos fatos da língua.

Mais uma forma de encarar a questão fala e escrita, apontada pelo autor, é a variacionista, que segundo esse teórico:

...trata o papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da relação padrão e não padrão lingüístico nos contextos de ensino formal (...) são estudos que se dedicam a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e sociodialetal (...). Neste paradigma não se fazem distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, verifica-se a preocupação com regularidades e variações. (...) Todas as variedades submetem-se a algum tipo de norma. Mas como nem todas as normas podem ser padrão, uma ou outra delas será tida como norma padrão”.

Marcuschi (2000) afirma que a proposta geral do sociointeracionismo se acopla à visão variacionista e com os postulados da análise da conversação etnográfica aliados à lingüística do texto. Conforme esse teórico, esse seria a forma mais aconselhável no tratamento das relações no campo lingüístico, contextual, interacional e cognitivo no tratamento das semelhanças e pendências entre as línguas falada e escrita, nos fazeres de formulação textual discursiva.

Koch (1997) chama atenção para o fato de que *o texto falado apresenta uma sintaxe característica, contudo a sintaxe geral da língua serve-lhe de pano de fundo*. Além de que a escrita pode ser considerada como resultado de um processo, portanto estático, enquanto a fala é o processo, sendo assim dinâmica.

Logo, é conveniente a afirmação de Marcuschi (2000, p.34) que:

pode-se dizer que discorrer sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita não é referir-se a algo consensual nem mesmo como objeto de análise. Trata-se de fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos lingüísticos (relação fala-escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade versus letramento). As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua.

É de se supor que existam imprecisões, ao ser feita comparações entre a escrita e a oralidade, uma vez que a forma de se ver a língua escrita é como se nos achássemos diante de alguma coisa inteiramente definido, e a ela se faz menção como constante, enquanto que ao discutir a oralidade, a visão que se tem é que ela apresentada de forma variável.

GÊNEROS DISCURSIVOS OU TIPOS TEXTUAIS

Os gêneros textuais se fundam em fazeres sócio-discursivos para interagir no mundo. A partir desse conceito poderíamos achar que se comunicar eficazmente sugestionamos, a princípio, uma coisa simples e fácil para qualquer sujeito, devido à rapidez e a desenvoltura que todos nós possuímos ao fazermos referência ao uso da linguagem. Entretanto, no decorrer desse procedimento efetivado de forma automática, isto é, sem uma legítima capacidade para a

língua, não se discute o encadeamento de passos a ser percorrido para que se consiga a realização do complexo ato comunicativo por uma língua.

Nessa definição, o ato comunicativo seria assaz difícil se, assim como afirma Bakhtin (1997, p.302), *os indivíduos não dominassem os gêneros de discurso e tivessem de criá-los no processo de fala*. As dificuldades da criação de um gênero a cada construção de enunciado de forma inteiramente acessível seriam percebidas no detrimento da agilidade do processo. Daí percebe-se a necessidade de admitir, com Bakhtin (1997), *que a língua se realiza por meio de enunciados (orais e escritos). Dadas as diferentes situações de uso, os enunciados vão sendo organizados, agrupados em tipos de acordo com a finalidade e ensinados de forma a levar o aprendiz a tomar conhecimento dos diferentes tipos e a usá-los de acordo com os objetivos que têm em mente*.

Os enunciados organizados e agrupados são usados em toda e qualquer fazer ou ações do homem. Essas ações se distinguem por situações exclusivas de atuação e por desígnios característico e, sendo incontáveis, cada contexto de ações humanas desenvolvem *tipos relativamente estáveis de enunciados* que passam a ser usualmente agregados a elas. Mesmo diversificando em termos de alargamento, conteúdo e estrutura, os enunciados mantêm peculiaridades corriqueiras a todos, daí serem considerados *tipos relativamente estáveis*. Bakhtin (1997) nomeia de gêneros de discurso esses *tipos estáveis de enunciados*. Vale lembrar que o termo gênero normalmente é anexado aos estudos literários, vejamos o que diz Infante(2001) diz:

Como indica o próprio termo “dramático” (que provem do verbo grego drao, “fazer, agir”), a principal característica desse gênero é a ação, que se desenvolve diante do espectador...
Personagens 1(interlocutores) agem e falam 2(interagem)...

Daí a tendência, nos estudos lingüísticos, para o uso da expressão tipos de texto, considerada mais neutra (Silva, 1995).

¹ Grifo nosso.

² Grifo nosso.

“Os gêneros textuais são importantes, em primeiro lugar, pelo simples fato de que não nos comunicamos através de modalidades retóricas, nem mesmo através de textos em geral, mas sim através de gêneros textuais específicos Bakhtin (1992).”

Para Schneuwly & Dolz (1996), questiona:

Se o desenvolvimento é considerado um processo de apropriação das experiências acumuladas pela sociedade no curso de sua história, as duas noções de prática social e de atividade e, conseqüentemente, as de práticas e atividades de linguagem, são fundamentais: a primeira fornece um ponto de vista contextual e social das experiências humanas (e do funcionamento da linguagem); a segunda adota um ponto de vista psicológico para dar conta dos mecanismos de construção interna destas experiências (particularmente, as capacidades necessárias para produzir e compreender a linguagem).

Logo, a apropriação ou compreensão de textos escritos e orais envolvem os elementos da atividade humana, elementos *contextuais e sociais das atividades humanas* e elementos *psicológicos*.

A aquisição de saberes que o homem possui, são na maioria das vezes determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem. Logo encontramos razões para afirmar que as características de uma nação, como um todo, são caracterizadas pelo conjunto dos gêneros textuais produzidos e utilizados pelos seus cidadãos.

A fim de que, a diferença entre gêneros e tipos textuais se estabeleçam de forma mais simples, apresentaremos uma definição é exposta por Dionízio, Machado & Bezerra (2002):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relação lógica). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção). Usamos a expressão gênero textual como noção propositivamente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida e que apresentam características sócio - comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

De forma mais concreta os tipos textuais nada mais é do que a classificação usada tradicionalmente, que são: narração, descrição, argumentação, exposição, que é chamado

também de explicação e por último uma tipologia mais recente a injunção, enquanto que os gêneros textuais ou discursivos são as manifestações das diversidades de texto/discursos que circulam socialmente e dele fazemos uso na interação entre os pares do ato comunicativo.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **Os gêneros do discurso**. In: **Estética da Criação Verbal**. 2a. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- Bakhtin, Mikhail. 1992. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BRITTON, J. et al. **The development of writing abilities**. London: McMillan, 1975.
- BRONCKART, Jean-Paul. 1999. **Atividades de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo, Editora da PUC-SP, EDUC.
- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CHAFE, W. 1982. **Integration and involvement in speaking, writing and oral literature**. In: TANNEM, D. (ed.) **Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy**. Norwood, N.J. Ablex.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002..
- HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and written modes of meaning**. In: HOROWITZ, R.;
- KATO, M. A. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2ª ed. 1987.
- KOCH, I.G.V. (1987) **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, Cortez Editora. 1987.
- KOCH, I.G.V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1993.
- KOCH, I.G.V. e Travaglia, L.C. **A Coerência Textual**. São Paulo. Editora Contexto. 1990.

KOCH, I. G.V. **Interferência da oralidade na aquisição da escrita**. In: Trabalhos em Lingüística Aplicada. Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997(a). p. 31-

MARCUSCHI, L. A.1995. **Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita**.In: Anais do I Encontro de Língua Falada e Ensino. Maceió, Editora da UFAL.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001

_____ **Gêneros textuais**: o que são e como se escrevem. Recife:UFPE,2000.mimeo.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de texto**: considerações psicológicas e ontogenéticas. (Université de Genève), 1994.

SWALES, J. **Genre analysis**. Cambridge : Cambridge Univ. Press, 1990.

TANNEN, D. **The oral/literate continuum in discourse**. In: Deborah Tannen (Ed.). Spoken and written language: exploring orality and literacy. Norwood, NJ: Ablex, 1982b.

———. **Relative focus on involvement in oral And written discourse**. In: D. R. Olson et al. Literacy, language and learning. The nature and consequences of reading and writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 43-58: